

PSICOSSOCIOLOGIA DAS LEGENIDAS

ARTUR EDUARDO BENEVIDES

As lendas, ou inscrições populares, que encontramos amiúde através do Brasil, sobretudo no Nordeste, constituem um dos capítulos mais interessantes do nosso folclore, oferecendo-nos valiosos subsídios para a compreensão do espírito do povo, nas suas afirmações de fé, amor, ironia, esperança, orgulho, saudade e ternura.

Silvio Romero, na sua tentativa de sistematização do estudo do folclore brasileiro, ignorou-as, como ignorou grande parte do campo folclórico em geral, não por defeito de visualização do fenômeno, mas porque tais estudos ensaiavam os primeiros passos, no País. Só depois é que alcançariam o raio de ação que hoje abrangem, disputando áreas de interesse com a antropologia cultural, a etnologia e a sociologia.

O assunto, porém, não é novo. Inscrições se encontram, a cada instante, nas paredes que exurgem à luz do sol pelas escavações dos arqueólogos. Inscrições e lendas acompanham o homem em sua marcha para o progresso e em sua luta pela vida. Lendas eles pintavam em suas bandeiras de guerra e nos seus brasões heráldicos, nas popas de suas naus e nos seus carros de combate. Um, traduzindo a fé que os animava; outras, valendo como exorcismo; outras mais, lembrando a glória dos antepassados. Quando os cruzados partiam para as campanhas na Terra Santa, as fâmulas que drapejavam ao vento conduziam inscrições, abaixo da cruz.

Em todos os tempos, o homem experimentou essa necessidade de exteriorizar sentimentos e idéias, sobretudo através de algumas lendas de grande beleza e significado heróico, havendo outras, porém, prosaicas e burlescas.

O costume perdurou através dos séculos, com as variantes impostas para cada tipo de atividade a que pertencessem os autores. Daí as legendas de embarcações ou veículos (navios, caminhões, ônibus, aviões, iates), como as legendas de seitas religiosas, credos políticos e revoluções. Cada uma procurando exprimir o espírito que a anima, ou melhor, a idéia que lança à consideração geral.

Dísticos e divisas são incontáveis, através da História. Muitos foram retirados de versos de Horácio e de Virgílio, de versículos bíblicos ou de frases proferidas por estadistas, sábios e guerreiros. Luís XV, Rei de França, tornou-se inesquecível por sua frase: *Après moi le déluge!* Luís XIV traduziu todo o absolutismo monárquico ao exclamar — *L'état c'est moi*. No estandarte de Constantino, nas Cruzadas, estava a inscrição imortal: *In hoc signo vinces*. Na porta do inferno, Dante colocou, na *Divina Comédia*, a legenda terrível: *Lasciate ogni speranza, voi che'ntrate!* E Catão, o Velho, concluía todos os seus discursos com a expressão terrível — *Delenda est Carthago*.

Legendas de todos os tipos — filosóficas, religiosas, heróicas e vulgares — encontram-se em todos os países e em todos os tempos. Quando Ciro entrava em Babilônia, o rei Baltasar, em pleno festim, avistou na parede do salão as palavras proféticas escritas por mão invisível: *Mane, thecel, phares*. A Revolução Francesa adotava o lema *Liberté, Egalité, Fraternité*. A legenda famosa, na última grande guerra, deveu-se a Winston Churchill, referindo-se ao preço da vitória: *Sangue, suor e lágrima*.

Vivemos rodeados de tais cousas. Os provérbios são legendas de vida, como frutos da experiência e da sabedoria. A cada instante, estamos a usar tais palavras em nossa conversa ou em nossos escritos, a nos advertirmos com a luz de sua secreta verdade. São expressões que, via de regra, não pertencem a ninguém, pois fazem parte do patrimônio do povo, em todos os pontos da terra.

Quanto ao vezo de se dar nome a veículos e embarcações, é velho. Todas as cousas, aliás, têm um nome com que se distinguem no complexo da vida e da natureza. Nos Estados Unidos costuma-se dar nomes até a furacões e, por ironia, nome de mulher: Lucy, Mary, Dorothy... Quando Colombo chegou à América, os seus navios se chamavam "Santa Maria", "Pinta" e "Niña". Se procurarmos as antigas *Relações de naufrágio portuguesas* lá estão nomes dados a todas as naus. Recorde-se, aliás, que foi através das legendas inscritas na nau capitânea que o irmão de Vasco da Gama narrou ao Cautal de Calecut, como se vê em *Os Lusíadas*, a História de Portugal.

Dentre os que continuaram a cultivar essa prática, no Brasil, principalmente na adoção de dísticos, destacam-se os motoristas, sobretudo os de caminhões, e de caminhões nordestinos, em particular. Adquirindo veículos, seu primeiro cuidado é pintar no pára-choque, na parte-traseira da carroçaria, ou ainda na caixa de ferra-

mentas, que fica ao lado, a legenda pela qual o seu veículo passará a se distinguir dos demais, nas estradas.

São expressões de raro pitoresco, algumas porém revelando a imaginosa alma do homem do povo, na sutileza das ironias ou nas críticas que perpetra. Muitas, porém, mostram um espírito fino, delicado e temente a Deus.

As legendas de caminhões, que vêm sendo publicadas em algumas revistas nacionais, mereceram, em 1961, um capítulo do livro *Em Torno da Sociologia do Caminhão*, de Marcos Vinícius Vilaça, publicado pelo Instituto Joaquim Nabuco, do Recife. Não fez o autor, porém, nenhuma tentativa de divisão sistemática das legendas que encontrou em veículos que trafegavam em Pernambuco, muitos dos quais cearenses.

Posteriormente, novo trabalho no gênero veio a lume: o livro *Filosofia dos Pára-Choques*, de Mauro Almeida, editado pelo mesmo Instituto. É um estudo mais profundo em torno do assunto, com a apresentação de cinco tipos de inscrições, assim denominadas: auto-identificadoras, místicas, filosóficas, poéticas e galhofeiras. Ao invés de cinco, porém, preferimos quatro tipos, tese que já em 1961 defendemos na Sociedade Amigos do Livro, em Fortaleza.

Essa, portanto, será a tentativa que faremos no presente trabalho, numa amostra de 200 inscrições dos mais diferentes matizes e produto das mais diversas motivações psicológicas.

Primeiramente, no entanto, há que considerar alguns fatos. Há legendas e sublegendas, o que ocorre, porém, poucas vezes. De modo geral, há uma ou duas legendas, a saber: nas partes dianteira e traseira do veículo. O mais comum, no entanto, é a colocação dos disticos no pára-choque, onde ficarão, evidentemente, mais expostos ao olhar do povo. Raramente são encontradas nas laterais. Quando tal ocorre, trata-se, quase sempre, de propaganda comercial.

Por outro lado, não se encontram dizeres fesceninos ou símbolos fálicos completando as palavras. Dificilmente se poderá anotar uma inscrição de *double sens*. Uma, apenas, encontramos: "Fui preso porque cantei Catarina"...

As intenções, via de regra, são claras e abertas. As palavras traduzem estados d'alma, ou idéias. Se há desenhos ou pinturas, o que se encontra em geral nas portas dos caminhões, notadamente nos de grande tonelagem, representam pássaros ou outras imagens delicadas.

O tempo, como em tudo, é elemento motivador de diferença nos dizeres. Destacou Vinícius Vilaça, no estudo já citado, que os carros novos trazem legendas insolentes e orgulhosas, tais como *Comigo ninguém pode*, *O invencível*, *Terror da serra* e outras. Se ficam velhos, mudam os dizeres, que passam a ser humildes: *Vou com Deus*, *Hei de vencer*, *Não me batam*...

Poucas vezes encontramos nomes de mulher, muito embora o amor seja um tema constante:

A Felismina
A Têê
Maria Cristina
Rosinha meu bem.

Abundam, no entanto, as expressões sentimentais e líricas, muitas das quais traduzindo o elemento saudade ou as mágoas de coração que sofre.

Legendas patrióticas são raríssimas. Num total de 200 encontramos apenas uma: *O Brasil acima de tudo*. Alusões políticas, igualmente, não são freqüentes.

A linha dos “guerreiros”, entretanto, é numerosa:

Guerreiro Araré
Guerreiro Muriatan
Guerreiro Maruíra
Guerreiro Ajuri
Guerreiro Ajuricaba
Guerreiro Nannuama
Guerreiro Juçurema
Guerreiro Juruá
Guerreiro Potiassu
Guerreiro Jabuíra
Guerreiro Tupi
Guerreiro Itamaratiassu.

São incontáveis, por outro lado, os “mensageiros” de todos os santos da devoção do homem nordestino:

O Mensageiro de São Francisco
O Mensageiro de São Jorge
Mensageiro de N. S. das Graças
Mensageiro de São José do Ribamar
Mensageiro de N. S. de Fátima
Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus
Mensageiro de Santa Teresinha
Mensageiro de São Francisco de Canindé.

O nordestino, por excelência, é um místico e sua história está cheia de páginas em que aparecem taumaturgos e beatos, no complexo da selva humana em que se agitam os tipos telúricos dos heróis anônimos e dos bandoleiros, dos vaqueiros e retirantes, dos ciganos e aventureiros, que só temem a Deus, a São Francisco, aos pa-

droeiros de suas vilas e ao padre Cícero Romão Batista, cuja influência ainda não desapareceu no cenário regional. Daí o grande número de frases de fé que se encontram, a cada instante, em toda parte, principalmente nos pára-choques.

DIVISÃO DAS LEGENDAS

Reunindo amostra de 200 inscrições, dividimo-las em quatro grupos principais, a saber:

Burlescas,
Líricas,
Místicas e
Filosóficas.

No primeiro grupo, as referências se fazem, de modo geral, às mulheres e à vida nas estradas — dois temas inseparáveis na imaginação do motorista.

No segundo, mais uma vez a mulher, tratada, porém, em termos de amor e de carinho, bem assim a terra natal, revelando-se, de quando em quando, as frustrações amorosas e a necessidade de fuga, de permeio com a esperança dos reencontros, ou o desejo de retornar ao calor do lar e da família.

No terceiro, a constante invocação do nome de Deus e dos santos protetores dos homens do volante, revelando, ainda, o insopitável temor da morte e a confiança na misericórdia divina.

No quarto e último, as legendas apresentam tom mais grave e sério, com laivos de pensamentos e máximas, muitas das quais de sabor clássico, com a deturpação popular.

Vejamos, então, algumas, pela ordem enumerada:

BURLESCAS

*Carona só de saia justa
Chegou o gostosão da serra
Morena, pensa naquilo
Ela vai a gente fica
Quem tiver raiva de mim morra tá?
Enquanto Maria reza Mercedes Benz
A parada é federal
O baixinho da sorte
Bom mesmo é mulher
Mulheres, cheguei
Cachorro doido e mulher feia comigo é na pedrada*

Mulher bonita e parafuso comigo é no acocho
Negro só é gente quando está no banheiro
Não sou presidente mas dirijo o meu "Brasil"
Nosso amor virou cinza porque mandei brasa
Se chifre fosse rosa sua cabeça era um jardim
Sopa, mulher e café só quente
Não vou em farol de mulher
Em mulher e freio de carro não se deve confiar
Cerveja só gelada, mulher só quente
Produto nacional bom mesmo é mulher
Não conte segredo a mulher
Super Convair DC 6 dos paus-de-arara
Quer ir mais eu vamos
Desculpe o mau jeito
Desculpe a poeira
Quem cortar a proa é
Beijo de menina contém vitamina
Boca que não merece beijo pimenta nela
Sou boa mas tenho dono
Eu, heim?
Pode passar
Virar foi minha ruína
Tira a mão daí
Não sou batom mas tou nessa boca
Canarinho das morenas
Gavião dos sete mares
Você é que sabe
Sou feio mas sou macho
Minha ruína foi você
Cochilou, morreu
Enverga mas não quebra
Não sou pipoca mas pulo um pouco
Não danço rock mas dou meus pulinhos
Sai da janela, curiosa
Quem fala de mim tem paixão
4T: Topo tudo todo tempo
Feliz foi Adão que não teve sogra nem caminhão
Broto sempre dá galho
Lambreta de pobre é arado
Não sou 7 de Setembro, mas sou uma grande parada
Não dá lucro mas é divertido
A vida de solteiro é vazia, mas a de casado enche
Bateu, o azar é seu
Batida só com limão
Boa de bico só a cegonha

*Mulher é como cachaça, em todo lugar se acha
Mulher é como laranja, em todo lugar se arranja
Quem bate por trás é covarde
Pobre não engorda, incha
Não sou rei, mas gosto de uma coroa
Mulher é como estrada — se é boa é perigosa
Sogra não é parente é castigo
Velho e feio mas sempre positivo
Este não GM na rampa
23 falaram de mim, só falta você
Pobre só come frango quando joga de goleiro
Galinha em casa de pobre um dos dois está doente
Mulher feia e frete barato não carrego
Não sou bombeiro mas apago o teu fogo
Feio é a vó
Duas coisas matam de repente: vento pelas costas e sogra
pela frente
Mexa com todas as mulheres mas conserve a sua direita
Se grito fosse glória porco não morria
Não sou locomotiva mas largo brasa
Me segura que eu vou ter um troço
Pobre só anda de barriga cheia quando morre afogado
Folgado só pente de careca
Não cobiçar a mulher do próximo, quando o próximo esti-
ver próximo
Se o mundo fosse bom o dono morava nele
Twist de pobre é macumba
Férias de pobre é na cadeia
Jumento e mulher feia só quem procura é o dono.*

O tom burlesco, satírico, epigramático, zombeteiro e irônico predomina nesse grupo. Já no seguinte, as inscrições são belas e revelam delicadeza de sentimento, *finesse* e poesia. Uma nota de lirismo e universalidade envolve as palavras, como veremos.

LÍRICOS

*As almas sofrem em silêncio
Nas longas estradas moro e às vezes de saudade choro
Saudades matei quando minha terra avistei
Vou sofrendo com saudade de meu bem
Na cabine cabe muitas, no coração só uma
Quatro pneus cheios e um coração vazio
Quem olha para mim é feliz
Teus olhos são luz do dia*

*Morena boca de ouro
Mulher sem ciúme é flor sem perfume
Jamais voltarei aos braços teus
Quem me ama sabe onde vou
Felicidade é amor
Estrela Dalva
De longe também se ama
Nunca é tarde para ser feliz
Teu olhar me fez voltar
Luz dos meus olhos
Diga, morena, meu amor chegou
Só tu sabes que eu te quero
Penso em ti e sou feliz
Mulher, não me faças sofrer
Na ilusão também se vive
O luar é meu companheiro
Amigo da noite, companheiro das estrelas
Se não houvesse distância não haveria saudade
É triste sonhar com um amor e acordar sozinho
No ba'allo da vida só uma dama encontrei.*

Algumas dessas legendas são como que estereotipadas, na imagística dos simples. Numas, é visível a influência dos filmes (“Nunca é tarde para ser feliz”); noutras, a de canções ouvidas pelo rádio (“Morena boca de ouro”, “Vou sofrendo com saudade do meu bem”); noutras, porém, há um sabor de originalidade, com um *tonus* poético e pureza sentimental.

Um grupo, no entanto, se caracteriza sobretudo pela adoção de máximas, provérbios ou sentenças. É o das legendas filosóficas, pois, na realidade, trazem um pensamento, uma mensagem mais séria, um conselho mais grave.

A adoção de máximas é cousa do agrado do povo. Há uma constância gnômica na sua linguagem coloquial ou criptológica. São expressões que eles ouviram de seus pais e transmitirão aos seus filhos. Aliás, é o que caracteriza o provérbio, no conceito de Cervantes: “Uma frase curta baseada numa experiência longa.”

Vejamos sua incidência no campo que está sendo objeto de exame:

FILOSÓFICAS

*A inveja Deus condena
Amor só de mãe
A alma ingrata se esquece dos benefícios recebidos
Quem é rico sem poder fica pobre sem saber*

*Diz-me com quem andas e te direi quem és
Em cima da morte, à procura da sorte
Viva e deixe eu viver
A tristeza é a ferrugem da alma
Quem compra o que não pode vende o que não deve
De burro só se espera o coice
Quem dá aos pobres empresta a Deus
A terra cobre o teu orgulho
O sol nasceu para todos, mas a sombra é para quem merece
Boa romaria faz quem em sua casa está em paz
Vida boa é a dos outros
Antes de falar de mim pense no seu passado
Devagar não se vai ao longe
A vida começa ao 40 e a morte aos 60 quilômetros
Recordar o passado é sofrer duas vezes
Mais vale um cachorro amigo do que um amigo cachorro
Perdendo tempo não se ganha dinheiro
Beleza não é glória, é dom da natureza
Ganhando a vida eu engano a morte
O que tem de ser do lobo onça não come
Não aponte meu defeito com dedo sujo
Quem não bica morre na casca
O futuro do homem está escrito no seu passado
Às vezes pago chorando o que prometo sorrindo
Quem vive de esperança morre de fome
Na boca de quem não presta o bom não tem valor
Durma menos, viva mais
Dirigir com sono é sonhar com a morte
O trabalho dignifica mas cansa.*

Outro grupo numeroso é o místico. São abundantes as lendas dessa natureza, não apenas pelo temor da morte, que o motorista possui, nas incessantes jornadas, mas ainda pela própria fé dessa gente simples e devota, que confia na proteção de Deus.

Faremos, nesse grupo, a exclusão dos "mensageiros", já designados, e apresentaremos apenas as que se referem ao nome de Deus ou dos santos.

MÍSTICOS

*Com fé em Deus eu vou e volto
O homem olha a face, Deus o coração
Deus é a Verdade
Deus guia e eu dirijo
Nas longas estradas Deus me guiará*

*Milionário, teu Deus é o meu
Coração de Jesus
Santa Teresinha proteja este carro
São Pedro te guie, Zé Tavares
Deus te proteja Toinho
Deus e São Francisco te protejam
Eu conduzo — Deus me guia
São Francisco me proteja
Glória a Deus nas alturas
O pouco com Deus é muito
Confio em Deus
N. S. de Fátima te acompanhe ao lar
São Francisco é meu guia
N. S. de Fátima vos protejam
Deus me guie
Deus te guie
Deus ilumina os caminhos de minha vida
Feliz do filho que Deus quer bem
Com Deus vencerei a serra
Prisioneiro do amor divino
Quem espera por Deus não cansa
Viva São Francisco
Deus é um só mas seu amor dá para todos
Virgem Mãe — Divina Graça
Confie em Deus e não em candidato.*

CONCLUSÃO

Poderiam ser tentadas, ainda, outras classificações, compreendendo subgrupos com inscrições mistas, que fossem, a um só tempo, comuns a mais de um grupo. Para o subgrupo místico-lírico, por exemplo, iriam inscrições do tipo — *Deus te guie, Expressinho da saudade*. E, assim, muitas outras, de acordo com sua natureza.

Creemos, porém, que nos quatro grupos já mencionados cabem todas as lendas, as quais revelam, sobretudo, o espírito sentimental, irônico e místico do habitante dos ermos e sertões, principalmente do Polígono das Secas.

Nesse mundo inóspito e belo, violento e puro, que é o Nordeste, muito se fala em civilização do caminhão, destacando-se a importância desses veículos no progresso da região. Sem dúvida, o caminhão exerceu função civilizadora através das cidades, vilas e povoações, possibilitando um permanente diálogo entre o interior e as capitais.

Dentro desse quadro, o motorista se imagina autêntico bandeirante, pois é um homem que, de repente, saindo da humildade de sua situação social, passou a ser olhado pela comunidade, a ser aplaudido pelos garotos das estradas, a ser mimoseado com os sorrisos das mocinhas, à margem dos caminhos. Sendo um ponto de ligação entre a cidade e o sertão, pombos-correios dos coronéis e mensageiros de toda uma área geográfica, eles gostam de ser notados, observados, comentados, o que enche as medidas de sua vaidade e de seu orgulho. Isso, aliás, está traduzido psicologicamente em dezenas de lendas que revelam sua ânsia exibicionista, seu narcisismo, suas frustrações, sua filosofia de vida, sua ironia ou gaihofa diante dos seres e das cousas.

De modo geral, no entanto, as lendas exprimem como que uma consciência grupal, um pensamento ou um sentimento coletivo, sobretudo as místicas, as líricas e as filosóficas, sendo, assim, parte integrante dessa multiforme alma popular. Não se lhes pode negar portanto, um lugar à parte na nossa variada literatura popular, fonte permanente para um conhecimento mais vivo e profundo do maravilhoso espírito da nossa gente, que se manifesta na exuberância de atos, gestos, palavras e ações reveladores da inigualável riqueza de sua imaginação criadora.